12 e 13 nov

Coro e Orquestra Gulbenkian
Hannu Lintu

Fanny e Felix Mendelssohn

GULBENKIAN
MÚSICA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • 1956—2026
70

Coro e Orquestra Gulbenkian
Hannu Lintu Maestro
Brenda Rae Soprano
Cláudia Ribas Meio-Soprano
Elgan Llŷr Thomas Tenor
Hugo Oliveira Barítono

Inês Tavares Lopes
Maestra do Coro Gulbenkian

Fanny Mendelssohn-Hensel
Oratória Segundo Imagens da Bíblia

INTERVALO 20 MIN

Richard Wagner
Prelúdio do 1.º Ato da ópera *Parsifal*

Felix Mendelssohn-Bartholdy
Sinfonia n.º 5, op. 107, *Reforma*

1. *Andante – Allegro con fuoco*
2. *Allegro vivace*
3. *Andante*
4. *Andante con moto – Allegro maestoso*

DURAÇÃO APROXIMADA 120 MIN

Fanny Mendelssohn-Hensel

Hamburgo, 1805 – Berlim, 1847

Oratória Segundo Imagens da Bíblia

Composição 1831 Duração c. 35 min

A música da compositora e pianista Fanny Mendelssohn-Hensel tem sido recuperada nas últimas décadas. Irmã mais velha de Felix, as capacidades de Fanny foram reconhecidas por diversos músicos, mas grande parte da sua obra permaneceu inédita durante muito tempo, em especial as peças orquestrais e corais-orquestrais. Esta omissão reflete uma visão sobre o papel da mulher na sociedade oitocentista, frequentemente circunscrito ao espaço doméstico. Por isso, muitas mulheres publicaram canções e miniaturas para piano destinadas aos salões, consideradas adequadas à sua natureza, enquanto obras de maior envergadura eram consideradas incompatíveis com o género feminino. Alguns *Lieder* de Fanny chegaram, inclusivamente, a ser publicados em nome do irmão.

Pertencentes a uma família judia ligada às Luzes, Fanny e Felix foram educados sem religião até ao batismo luterano, a 21 de março de 1816.
A sua formação musical foi semelhante, e os salões familiares berlinenses acolheram figuras destacadas de várias áreas. A *Oratória Segundo Imagens da Bíblia* foi composta por Fanny entre 9 de outubro e 20 de novembro de 1831, ano em que escreveu mais duas cantatas. Este período ficou marcado pelas sessões musicais dominicais organizadas por Fanny na sua casa. Os encontros, assistidos por convite, garantiam a privacidade da família Mendelssohn e contribuíam para o seu prestígio berlinense. Entre os convidados encontravam-se membros da realeza prussiana e músicos como Clara Schumann e Franz Liszt. Além de tocar piano, Fanny apresentava obras de vários compositores, incluindo Felix.

A *Oratória Segundo Imagens da Bíblia* foi escrita para assinalar o fim da epidemia de cólera que assolou Berlim em 1831. A estreia ocorreu a 10 de dezembro desse ano, no aniversário de Abraham Mendelssohn, pai dos compositores. Com textos do Antigo e Novo Testamentos e um efetivo significativo de solistas, coro e orquestra, a obra exemplifica a sensibilidade

romântica aplicada à música religiosa, denunciando a influência de Johann Sebastian Bach.

Uma introdução instrumental dramática, na qual um *ostinato* rítmico, acompanhado por fragmentos melódicos do oboé, intensifica o *pathos* e prepara a narrativa. A tensão conduz a uma passagem solene e evocativa do coral luterano, cuja melodia é confiada ao clarinete. Um recitativo para contralto, baseado nos Salmos 49 e 50, prepara um *arioso* do baixo, inspirado em Isaías e no Salmo 50. Após uma breve intervenção do soprano, o coro apresenta uma secção tensa, seguida de um *fugato* que evoca as cantatas de Bach. A textura homorrítmica regressa numa passagem baseada em salmos e no livro de Amós, seguindo-se recitativos do alto e do soprano, que introduzem novos episódios corais inspirados nos Salmos, em Isaías e num hino do teólogo e poeta seiscentista Johann Rist.

Uma introdução instrumental agitada prepara a ária do tenor, cuja melodia sinuosa, pontuada pela orquestra e pelos instrumentos de bocal, sublinha a expressividade dos textos bíblicos. Após um momento de suspensão, o recitativo do soprano conduz a um coro fúnebre, de carácter meditativo e timbre cristalino, no qual as vozes femininas representam os anjos. A entrada das vozes masculinas confere maior densidade à textura, numa meditação sobre a morte baseada em Isaías, nas epístolas de São Paulo e de São Tiago e no Apocalipse. Este coro constitui um ponto de viragem narrativa, assinalando a transição da tragédia e da atmosfera fúnebre para a esperança na eternidade.

Seguidamente, os falecidos entoam textos dos Salmos, das epístolas paulinas e do Apocalipse, com intervenções das madeiras e um *arioso* do soprano. A expressividade intensifica-se em dois coros dramáticos, marcados pelo contraponto e inspirados nos Salmos e nos livros de Ezequiel, Daniel, Baruque e dos Macabeus. Um recitativo final prepara o desfecho glorioso, numa secção coral que evoca a tradição de Händel. Fanny Mendelssohn construiu, assim, um percurso narrativo que conduz da tragédia à libertação das almas, articulando textos do Antigo e do Novo Testamento numa obra romântica de grande intensidade expressiva.

Richard Wagner

Leipzig, 1813 – Veneza, 1883

Prelúdio do 1.º Ato da ópera *Parsifal*

Composição 1878 Duração c. 14 min

O último drama musical de Richard Wagner marcou um regresso ao medievalismo. Em *Parsifal*, o compositor revisitou o mito do Santo Graal a partir das narrativas medievais *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, e *Perceval ou le Conte du Graal*, de Chrétien de Troyes. A referência à Idade Média germânica e ao Cristianismo evocava o passado glorioso do jovem Império Alemão, que procurava posicionar-se como herdeiro do legado de Carlos Magno. *Parsifal* estreou no Bayreuth Festspielhaus a 26 de julho de 1882, mas o seu prelúdio foi apresentado antes, no dia de Natal de 1878. Nele, Wagner expõe alguns dos elementos ou *leitmotive* marcantes da narrativa, cuja trama concisa é um exemplo de economia de materiais musicais na música de palco.

O compositor apresenta uma melodia *cantabile* em uníssono, à qual se adicionam, progressivamente, camadas sonoras. Essa textura etérea com motivos circulares cria uma atmosfera que remete para o maravilhoso transcendente, enquanto assenta na ambiguidade tonal e no timbre escuro das cordas, tocadas com surdina. A singeleza da melodia inicial, que funde elementos de três *leitmotive* da obra, torna-se numa massa densa que cresce do registo grave para o agudo, até ser interrompida por uma pausa.
O compositor repete a secção inicial, com variações na orquestração. Na secção intermédia, a melodia apresentada pelo trompete e a sobreposição, sucessão e repetição de outros *leitmotive*, conduzem a uma fanfarra brilhante que encarna a solenidade do momento, onde sobressai a escrita orquestral em bloco. As cordas em *tremolo* anunciam o regresso à atmosfera inicial, com a recapitulação do primeiro elemento do prelúdio. Wagner indicia o seu desenvolvimento, mas retoma a circularidade preparatória da apresentação de novos materiais. Ao longo do prelúdio, as tensões entre tonalidades e entre o diatonismo e o cromatismo refletem a abordagem do compositor.

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Hamburgo, 1809 – Leipzig, 1847

Sinfonia n.º 5, op. 107, *Reforma*

Composição 1830, rev. 1832 Duração c. 35 min

O antissemitismo de Richard Wagner elegeu Felix Mendelssohn como alvo, especialmente no ensaio *Das Judenthum in der Musik*. Esse artigo foi publicado sob pseudónimo no *Neue Zeitschrift für Musik* em 1850 e com a assinatura de Wagner em 1869, quando este já era uma figura reconhecida no meio cultural germânico. No ensaio, Wagner dedicou uma secção a Mendelssohn, referindo a sua imitação do estilo de Bach e a apresentação de "material confuso e sem valor da forma mais agradável possível." Essa visão contrastava com a aceitação generalizada da música instrumental de Mendelssohn na primeira metade do século XIX.

A Sinfonia n.º 5, op. 107, foi a segunda obra desse género escrita pelo compositor, mas a quinta a ser editada, postumamente, em 1868, o que indicia a relação difícil do compositor com a peça. Terminada a 12 de maio de 1830, a sinfonia destinava-se às celebrações dos 300 anos da Confissão de Fé de Augsburgo, aprovada na Dieta dessa localidade a 25 de junho de 1830. Esse documento foi central na Reforma Protestante e na independência de culto dentro do Sacro Império Romano-Germânico. É possível que Mendelssohn tenha sentido o impulso para a escrita da sinfonia em 1829, enquanto viajava pelo Reino Unido. A obra seria estreada em Paris em 1832, mas a orquestra não a considerou adequada. Assim, foi apresentada em Berlim a 15 de novembro de 1832, após revisão do andamento final.

O primeiro andamento tem início com uma introdução lenta e solene, com algum recurso ao contraponto. Mendelssohn usa a melodia do "Ámen de Dresden," associada às celebrações luteranas na corte de Dresden a partir do início do século XIX e usada por vários compositores, entre os quais Richard Wagner em *Parsifal*. Esse episódio, baseado em melodias apresentadas pelas cordas e pontuadas pelos sopros, termina com uma passagem lenta nas cordas agudas, criando uma atmosfera etérea, de forma

a preparar a forma sonata do primeiro andamento. Esta apresenta pouco contraste entre os dois grupos temáticos e no desenvolvimento com um primeiro tema vivo e afirmativo, harmonicamente instável e que recorre à repetição. O segundo grupo temático é igualmente movimentado, atmosfera que se mantém ao longo de um desenvolvimento em que os dois elementos principais interagem até atingirem o clímax numa fanfarra protagonizada pelos trompetes e pelos tímpanos. A reexposição abreviada e de textura menos densa é preparada pelo regresso do "Ámen de Dresden". Pontuado por fanfarras, o final do andamento transforma-se numa *coda* luminosa.

O *Allegro vivace* encontra-se numa forma ABA, em que as secções extremas apresentam uma atmosfera de dança campestre assente em ritmos pontuados e de textura vertical, com curtos motivos ondulantes. A secção intermédia contrastante assenta na leveza dos *pizzicatti* e nas melodias líricas dos oboés. O *Andante* remete para as árias das *suites* de Bach, evidenciando a influência do Barroco em Mendelssohn. As melodias *cantabile* são apresentadas pelos primeiros violinos, criando tensão harmónica com o acompanhamento ritmicamente regular. Após uma breve passagem dominada por solos de flautas, o andamento retoma a atmosfera inicial, até à suspensão final. O final da sinfonia é dominado pela melodia do coral *Ein' feste Burg ist unser Gott*, melodia icónica do Luteranismo escrita pelo próprio Lutero. Esta é interpretada a solo pela flauta e transformada ao longo do andamento que contrasta um ambiente etéreo e espiritual com elementos terrenos e dançáveis. As elaborações contrapontísticas sobre a melodia e harmonia do coral evocam a tradição barroca, misturada por Mendelssohn com o sinfonismo oitocentista. Momentos de instabilidade e tensão que evidenciam a mestria do compositor nos géneros orquestrais preparam a apresentação esplendorosa final da melodia de coral em *tutti*, que marca o final luminoso e solene da sinfonia.

Notas de João Silva

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Na temporada 2026/27 iniciou funções como Diretor Musical da Sinfónica de Singapura e dá continuidade aos seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na presente temporada, dirige também a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Orquestra do Minnesota, a Filarmónica dos Países Baixos e estreia-se à frente da Orquestra do Tonhalle de Zurique e da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse.

Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica da BBC, a Filarmónica de Londres, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e as Sinfónicas de Atlanta, St. Louis, Baltimore e Montreal, entre outras grandes orquestras.

Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como produções enquanto Maestro Titular da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia (2022-2026), incluindo *O Anel* do *Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salomé* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão encenada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Brenda Rae

Brenda Rae é reconhecida pelo seu virtuosismo vocal e pela sua intensidade dramática. Entre as atuações recentes, destaca-se a interpretação de Lulu, na Ópera de Frankfurt, bem como Aminta, em *A Mulher Silenciosa* de R. Strauss, na Staatsoper Unter den Linden, em Berlim. Empenhada na expansão do seu repertório operático, estreou novas obras como *An Enemy of the People*, de Francisco Coll, para o Palau de les Arts Reina Sofía, e *200 Motels*, de Frank Zappa, para o Grand Théâtre de Genebra.

Na temporada 2026/27, continua a ampliar o seu alcance artístico com uma estreia no papel de Salomé, de R. Strauss, na Ópera de Seattle. Regressa à Staatsoper Unter den Linden como Konstanze, em *O Rapto do Serralho*, repete *The Judgement of Paris*, de Jake Heggie, para a Ópera Real de Versalhes, e junta-se à Des Moines Metro Opera como La Princesse, em *Orphée* de Philip Glass. A sua temporada de concertos inclui a *Oratória de Natal* de James MacMillan, com a Orquestra da Rádio de Munique e o maestro Carlo Rizzi, e a *Suite Lulu*, de Alban Berg, com a Bielefelder Philharmoniker e Jac van Steen.

Após os seus anos de formação como membro da companhia da Ópera de Frankfurt, Brenda Rae construiu uma firme carreira internacional que se distingue pelo seu domínio do repertório de coloratura, barroco e de *bel canto*. Zerbinetta (*Ariadne auf Naxos*) tornou-se um papel marcante, levando-a a muitos palcos importantes, incluindo a Metropolitan Opera de Nova Iorque. Como Rainha da Noite (*A flauta mágica*), estreou-se na Royal Opera House e no Festival de Salzburgo. *Lucia di Lammermoor* foi também um papel fundamental para moldar o seu perfil, levando-a à Ópera Estadual de Viena, à Ópera Nacional de Paris, à Ópera de Zurique e à Deutsche Oper Berlin. As suas atuações na América do Norte incluem a Metropolitan Opera, onde a sua interpretação de Ofélia, em *Hamlet* de Brett Dean, recebeu grandes elogios da crítica.

Cláudia Ribas

A cantora portuguesa Cláudia Ribas é elogiada pela sua versatilidade nos repertórios barroco, clássico e contemporâneo. Concluiu o programa para Jovens Artistas da Ópera de Frankfurt (2022–2025), onde participou em diversas produções, entre as quais *Giulio Cesare*, *A flauta mágica*, *Guercoeur*, *Elektra*, *Partenope*, *L'invisible* e *A Feiticeira*. As apresentações mais recentes incluem novas atuações e estreias em importantes casas de ópera europeias, como o Teatro de Lucerna, a Ópera de Malmö, o Teatro Nacional de Mannheim e a Ópera de Frankfurt, em papéis como Carmen, Tancredi, Federica (*Luisa Miller*) e Cornelia (*Giulio Cesare*).

Em concerto, Cláudia Ribas apresentou-se como solista com a Filarmónica de Copenhaga, a Sinfónica de Aarhus e a Filarmónica de Aschaffenburg, entre outras orquestras, e em eventos de prestígio como o Festival de Ópera de Copenhaga, interpretando obras importantes como a 9.ª Sinfonia de Beethoven, o *Requiem* de Verdi e *An die Hoffnung* de Max Reger.

Cláudia Ribas concluiu um mestrado na Real Academia Dinamarquesa de Música, onde participou na Academia de Ópera, e licenciou-se no Conservatório de Amesterdão. Os seus principais professores foram Jens Søndergaard e Don Marrazzo. Foi galardoada em diversos concursos internacionais, incluindo vários prémios no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch (Primeiro Prémio, Prémio Wagner, Prémio do Público, Prémio do Júri Júnior), no Concurso Internacional de Lousada, no Prémio José Augusto Alegria e no Concurso Nacional de Canto de Portugal.

Num repertório que se estende de Händel e Mozart a Britten e à ópera contemporânea, Cláudia Ribas continua a consolidar-se como uma das cantoras portuguesas mais promissoras da sua geração.

Elgan Llŷr Thomas

O tenor galês Elgan Llŷr Thomas estudou no Royal Northern College of Music e na Guildhall School of Music and Drama. Foi *Harewood Artist* na English National Opera e *Emerging Artist* na Scottish Opera. Os destaques recentes da sua carreira operática incluem: François (*A Quiet Place*) e Peter Quint (*The Turn of the Screw*), para o Royal Ballet and Opera, em Londres; Tom Rakewell (*The Rake's Progress*), com a Orquestra de Câmara Sueca; e o Jovem Krishna (*Krishna* de John Tavener) para a Grange Park Opera.

Em concerto, as suas interpretações incluem a 9.ª Sinfonia de Beethoven, com a Sinfónica de Boston, a *Missa Solemnis* de Beethoven, com a Sinfónica de Bournemouth, a *Missa de Nelson* de J. Haydn, com a Sinfónica de Singapura, *Cradle Song* e *Pulsing*, de Daniel Kidane, com o Birmingham Contemporary Music Group, no Wigmore Hall, *Das klagende Lied* de Mahler, no Festival de Cheltenham, e *A Child of Our Time* de Tippett, no King's College, em Cambridge. Apresentou-se em recitais para a Ludlow English Song e o Winchelsea Arts Festival.

Estreou-se na Royal Opera House como Primeiro Nobre de Brabante (*Lohengrin*), tendo os seus compromissos seguintes incluído: Lysander (*Sonho de uma noite de Verão*), Nemorino (*L'elisir d'amore*), Titorelli / Flogger / Berthold (*The Trial* de Philip Glass), Dr Richardson (estreia europeia de *Breaking the Waves*, de Missy Mazzoli), Rinuccio (*Gianni Schicchi*) e Fenton (*Falstaff*), para a Ópera Escocesa; Prunier (*La rondine*), para a Opera North; Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), para o Théâtre des Champs-Élysées; Duque de Mântua (*Rigoletto*), para a Opera Holland Park; e Cassio (*Otello*) e Timoneiro (*O Navio Fantasma*), para a Grange Park Opera. Foi membro do projeto *Equilibrium* de Barbara Hannigan e interpretou Tom Rakewell (*The Rake's Progress*) no Festival de Aldeburgh, no Festival de Ojai (EUA) e no Klarafestival.

Hugo Oliveira

Natural de Lisboa, Hugo Oliveira foi membro do Estúdio de Ópera do Porto – Casa da Música, onde participou em produções de *Joaz* de B. Marcello, *L'Ivrogne Corrigé* de Gluck e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber, tendo repetido esta última com a Orquestra Sinfónica de Londres e o maestro François-Xavier Roth, no Barbican Centre. Inserido na prestigiada série de ópera *Concertgebouw – ZaterdagMatinee NPS*, interpretou *La Wally* de Catalani e *Samson et Dalila* de Saint-Saëns, com Giuliano Carella, e *Lohengrin* de Wagner, com Jaap van Zweden. No Festival d'Aix-en-Provence foi o protagonista de *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Interpretou ainda *As bodas de Figaro* no Coliseu do Porto, *Les malheurs d'Orphée* de Milhaud, em Paris (Cité de la Musique), *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa, com Stefan Asbury, *Paint me* de Luís Tinoco, *L'enfant et les Sortilèges* (Concertgebouw de Amesterdão), *Dido e Eneias* de Purcell, *Vénus e Adonis* de John Blow, *Le Carnaval et La Folie* de Destouches e *Rappresentatione di Anima et di Corpo* de Cavalieri (Staatsoper Berlin).

O seu vasto repertório estende-se ainda à oratória, salientando-se obras como o *Requiem* e a *Missa em Dó menor* de Mozart, *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* de Liszt, *Solomon* de Händel, *Pulcinella* e *Les Noces* de Stravinsky e *Jetzt immer Schnee* de Gubaidulina. Tem-se destacado internacionalmente pela interpretação do repertório de J. S. Bach, com maestros como Ton Koopman, Frans Brüggen, Peter Dijkstra, Klaas Stok, Paul Dombrecht, Peter van Heyghen e Václav Luks. Trabalhou ainda com Jordi Savall (Le Concert des Nations), Bruno Weil (Wallfisch Band), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Andrzej Kosendiak (Wrocław Baroque Orchestra), Keneth Weiss, Nigel North, Lawrence Cummings e Christophe Rousset.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais.
Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS
Beatriz Ventura
Bianca Varela
Carina Matias Ferreira
Catarina Carvalho
Clara Coelho
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Margarida Simões
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Tânia Viegas
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS
Ana Urbano
Beatriz Cebola
Catarina Saraiva
Estrela Martinho
Joana Nascimento
Laura Lopes
Laura Martins
Lucinda Gerhardt
Luísa Vaz Pinto
Markéta Chumová
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Rita Tavares

TENORES
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Barros
João Custódio
João Pedro Afonso
Miguel Carvalho
Nuno Fonseca
Pedro Miguel
Rui Aleixo
Rui Miranda

BAIXOS
Alexandre Gomes
Filipe Leal
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Costa
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
Luís Mayer-Bento
Martim Líbano Monteiro
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Rui Gonçalo
Tomé Azevedo

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo dos anos, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente pensadas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos Concertino
Maria Balbi 2.º Concertino Auxiliar
Vicente Sobral 2.º Concertino Auxiliar
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
María Ramos
João Castro*
Natália Ribeiro*
Juan Maggiorani*
João Vieira de Andrade*
Miguel Gomes*

SEGUNDOS VIOLINOS
Anna Paliwoda 1.º Solista
Zachary Spontak 1.º Solista
Piotr Rachwał 2.º Solista
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Catarina Sá Duarte
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Leonardo Guedes*
Francisca Ribeiro*

VIOLAS
Samuel Barsegian 1.º Solista
Lu Zheng 1.º Solista
João Tiago Dinis 2.º Solista
Nuno Soares
Sara Moreira
Andrew Shaw
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda*
Márcia Furtado*

VIOLONCELOS
Martin Henneken 1.º Solista
Raquel Reis 1.º Solista
Jeremy Lake 2.º Solista
Gonçalo Lélis
Tiago Mirra
Maria Nabeiro
Ester Santos*
Ricardo Mota*

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo 1.º Solista
Domingos Ribeiro 1.º Solista
Manuel Rêgo 2.º Solista
Marine Triolet
Vanessa Lima
Luís Ferreira*

FLAUTAS
Cristina Ánchel 1.º Solista
Sónia Pais 1.º Solista
Amalia Tortajada 1.º Solista
Natália Monteiro 2.º Solista*

OBOÉS
Pedro Ribeiro 1.º Solista
Nelson Alves 1.º Solista
Alice Caplow-Sparks
1.º Solista | Corne Inglês
Filipe Freitas 2.º Solista*
Luana Carvalho 2.º Solista*

CLARINETES
Iva Barbosa 1.º Solista
Telmo Costa 1.º Solista
José María Mosqueda
2.º Solista | Clarinete Baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos 1.º Solista
Vera Dias 1.º Solista
Raquel Saraiva
2.º Solista | Contrafagote
Gadd Lederman 2.º Solista*
Hugo Silva 2.º Solista*

TROMPAS
Duarte Moreira 1.º Solista
Hugo Pascoal 1.º Solista*
Pedro Fernandes 2.º Solista
Antonia Chandler 2.º Solista

TROMPETES
Carlos Leite 1.º Solista
Fábio Aguiar 1.º Solista
José Pedro Pereira 2.º Solista
Paulo Carmo 2.º Solista*

TROMBONES
Sergi Miñana 1.º Solista
Rui Fernandes 2.º Solista
Thierry Redondo
2.º Solista | Trombone Baixo

TUBAS
Amílcar Gameiro 1.º Solista
Elmano Pereira 1.º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes 1.º Solista

PERCUSSÃO
Abel Cardoso 2.º Solista

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

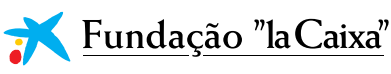
PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

Programas e elencos sujeitos a alterações
sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso
da Fundação Calouste Gulbenkian
com a sustentabilidade, este programa
foi impresso em papel produzido
a partir de florestas plantadas com
gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música





Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



BPI | Fundação "la Caixa"

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Próximos concertos

Contos de Fadas

22 nov
domingo 11:00 / 15:00

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Entrada gratuita

23 nov
segunda 20:00

Jeanine De Bique Apollo's Fire

26 nov
quinta 20:00

Danças Ocultas

28 nov
sábado 19:00

Sinfonia Incompleta

03 dez
quinta 20:00

04 dez
sexta 19:00

Sansão e Dalila

Met Opera – Transmissão em direto

05 dez
sábado 17:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.
Se precisar de tossir, procure abafar o som.
Se persistir, saia discretamente e regresse no final
da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes
e um ecrã aceso é visível em toda a sala.
Não são permitidos registos de som ou imagem.



